

O/A pesquisador/a e a pesquisa antropológica: experiências do fazer etnográfico e suas transformações em meio à pandemia

Ananda Viana¹

Paulo Cesar Limongi de Lima Filho²

Resumo

De um modo geral, as ciências sociais vivem o dom da eterna juventude. Isso porque seus métodos e teorias são sempre conectados à sociedade de tal forma que qualquer mudança faz com que os/as pesquisadores/as sejam forçados a repensar suas posições. Neste sentido, a transformação social desencadeada com o advento da pandemia do novo coronavírus fez com que os mais experimentados na área reconfigurassem o modo de fazer pesquisa. Na antropologia não seria diferente. Este texto tem como objetivo trazer à tona a experiência subjetiva de dois pesquisadores que, durante o período pandêmico, optaram por realizar e manter pesquisas etnográficas. É preciso salientar que uma dessas pesquisas foi feita com indivíduos em suas redes de relações contemporâneas, no tempo presente; ao passo que a outra é uma construção de uma etnografia documental. Acredita-se que, embora haja diferenças, as duas experiências subjetivas trazem consigo formas inovadoras e adaptadas ao novo cenário da pesquisa em ciências sociais.

Palavras-chaves: antropologia, pandemia, etnografia, trabalho de campo, pesquisa em documentos.

Abstract

In general, the social sciences live the gift of eternal youth. This is because their methods and theories are always connected to society in such a way that any change causes researchers to be forced to rethink their positions. In this sense, the social transformation triggered with the advent of the new coronavirus pandemic relegated the most experienced in the area to reconfigure the way of doing the research. In anthropology it would be no different. Thus, this text aims to bring up two subject experiences of two researchers who have chosen ethnography as their methodology. It should be emphasized that one of these researches was done with individuals in their networks of contemporary relationships, in the present time; whereas the second is a construction of a documentary ethnography. In spite of the differences, those two experiences talk about the methods adapted to the new reality of anthropological research within social science.

Keywords: anthropology, pandemic, ethnography, fieldwork, research in documents.

Introdução

Em sua arguta percepção, Mariza Peirano descreveu o duro golpe que a etnografia sofreu durante os anos 90 do século passado. Este método, tão próprio aos antropólogos, foi acusado, entre outras coisas, de trazer pouca inovação para o campo científico e de homogeneizar o chamado *Outro* ao tornar a cultura alheia algo como um quadro, texto, legível para as lentes do cientista que enxerga somente as semelhanças presentes entre os chamados nativos. Na mesma década, este método sofreu um segundo golpe. Ele foi relativizado como um entre os diversos métodos de narrar a cultura de outros indivíduos. Em outras palavras, a etnografia foi declarada como apenas um gênero literário, um jeito de escrever (CLIFFORD, MARCUS, 2016). Como Pratt apontou, um gênero comum a diversos cientistas os quais iniciam com sua majestosa entrada no campo (PRATT, 2016).

Porém, Peirano demonstrou que, seja um gênero literário ou um potente homogeneizador, a etnografia ainda tem o que oferecer. Isso porque este jeito de pesquisar as outras sociedades é de grande relevância devido ao contato - nada trivial - entre aquele que pesquisa e o que é nominado pelo pesquisador como objeto-sujeito do estudo. Há, na relação entre estes dois agentes sociais, algo que torna o texto profícuo a todo um campo de conhecimento (PEIRANO, 1995). Ademais, Peirano nos coloca a uma posição tal que nos vemos forçados a pensar outras possíveis agendas de pesquisa para nossa antropologia e seu método fundamental. A comparação, não somente entre os resultados das análises, mas das próprias etnografias, pode ser extremamente benéfico para o campo das ciências sociais. Podemos comparar uma etnografia feita de modo a analisar uma dada sociedade como um todo (EVANS-PRITCHARD, 2013) ou analisando breves eventos (GLUCKMAN, 1987). Tal confrontação pode ser complementar e provocar uma ampliação das perspectivas

¹ Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ.

² Doutorando em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ.

dos campos de atuação do etnógrafo.

Neste texto, acreditamos que a etnografia, no Brasil e no mundo, sofreu outro golpe. A pandemia do novo coronavírus forçou a paralisação dos trabalhos de campo tais como imaginados até então. Nos vimos forçados a abandonar nossa observação participante que demandava a presença corpórea do pesquisador. A pesquisa recrudescer e fomos compelidos a pensar em outras possibilidades de se fazer etnografia. Contudo, antes de pensarmos em etnografias completamente fechadas, acabadas, finalizadas, temos que, em um primeiro momento, oferecer a experimentação ou a experiência subjetiva que o pesquisador possui ao ter contato com o chamado o *outro*.

Apresentaremos duas experiências etnográficas em andamento feitas por dois pesquisadores no decorrer de seus primeiros anos de doutorado. Ambos nos oferecem modos de pensar antropológicos nos quais os acontecimentos se dão sem, necessariamente, a presença física do estudioso. A primeira experiência será a apresentação da pesquisa do autor; já a segunda será a apresentação de duas investigações feitas pela autora.

Por isso, tomamos como objeto de estudo trazer experiências etnográficas que, mesmo com diferentes abordagens, se complementam ao oferecer possibilidade de pesquisa em meio à pandemia. Em um primeiro momento, vamos relatar nossas pesquisas de mestrado que, embora não sejam etnografias, tivemos ali um primeiro contato com indivíduos os quais possuem trajetórias demasiadamente diferentes das nossas. Em sua pesquisa de mestrado, a pesquisadora pôde observar narrativas construídas por mulheres beneficiárias do Bolsa Família acerca de suas próprias identidades. Neste texto, ela traz uma de suas interlocutoras que possui um pequeno Studio de unhas no Complexo do Alemão e a construção de sua relação a partir das idas ao estabelecimento e da relação com outros membros da família. Traz, também, a construção de sua relação com outra interlocutora, uma cabeleireira que tem um pequeno salão de beleza no Complexo da Maré, e a experiência de conhecer e construir uma relação mais próxima sem um contato presencial. Já o Autor observou como um membro da elite católica do Rio de Janeiro narra sua própria trajetória de vida e como esta denuncia as transformações mais gerais nas suas redes de relações.

Em suma, as pesquisas de doutorado em andamento que, em parte, são fruto desses primeiros contatos, podem ser classificadas como experiências etnográficas. No texto da Autora, a pesquisadora bus-

ca realizar sua etnografia de forma a compreender as realidades das mulheres nas favelas do Alemão e da Maré, a partir de suas dinâmicas econômicas e circuitos de cuidado. No caso do Autor, a etnografia é feita sobre o corpo frio dos documentos, almejando compreender quais são as possíveis representações e símbolos invocados pelos atores sociais para compreender sua realidade. Longe de conceitos fechados e acabados, o leitor poderá se debruçar sobre duas experiências antropológicas no campo das ciências sociais (em campo e nos documentos), os quais buscam jogar luz sobre as possibilidades do fazer etnográfico na pandemia. Como diz Bourdieu, em seu texto *Pontos de vista* (2004), um conceito muito fechado não permite sua aplicabilidade na realidade concreta. Em outras palavras, devemos repensar a etnografia sob a nova perspectiva que a pandemia de Covid-19 provocou.

Afinal, seria a etnografia um método?

Nosso texto tem como título a palavra etnografia e, logo após, no resumo e na introdução, nos esbarramos novamente com essa palavra, certamente cara para a antropologia – e outras ciências sociais. Produzir uma boa etnografia é o que confere um *status* de trabalho de grande relevância antropológica (PEIRANO, 2014). O grande clássico *The forest of symbols* (1967) de Victor Turner, por exemplo, é reconhecido por seus pares como uma excelente aplicação do método etnográfico. Em um dos comentários sobre o livro, temos: *It provides one of the few post-war studies sure to rank as ethnographic classical*³. E, além desse reconhecimento, por associação, compreendemos que os clássicos dessa disciplina são importantes estudos exemplares ao apresentarem grandes contribuições etnográficas. Por isso, tal como sugere Peirano (2014), perguntamos a eles: que seria esse suposto método utilizado de maneira quase que compulsória por todos os no- viços antropólogos?

Bronislaw Malinowski talvez não seja o primeiro a propor uma visita ao campo, haja vista que em seus próprios relatos ele cita que sempre tinha à mão uma cópia de um manual de pesquisa de sua época chamada *The genealogical method of anthropology inquiry* (1910), de um dos seus mentores na expedição à Austrália, William Rivers. Porém, o breve manual de Rivers continha apenas um esquema para elaboração de perguntas e questionários de aplicação *in loco*. O texto que Malinowski produziria, em sequência, continha um método muito mais complexo, devido a uma quantidade de processos, etapas e reflexões muito maiores do que a proposta de seu

3 Esse comentário pode ser encontrado na contracapa da edição de Cornell University Press de 1970. Para o português ele é traduzido do seguinte modo: ele (o livro de Turner) fornece um dos únicos trabalhos do pós-guerra a ser ranqueada como uma etnografia clássica.

mentor inglês. Quando buscamos na obra desse autor sobre esse método, a primeira frase que abre o capítulo de metodologia do livro exemplar de Malinowski é a seguinte: “imagine você numa ilha isolada enquanto o navio que te trouxe parte e se perde na vista” (MALINOSWIKI, 1978). A sensação de desolamento, confusão e ansiedade sobre o futuro já nos presenteia com o tom certo do que é uma etnografia para nossos clássicos. Apesar dessas desvantagens emocionais que certamente se refletiram nos escritos posteriores de Malinowski (2012), a ideia era muito simples: se livrar de preconceitos e preconceitos com uma investigação intensiva em campo.

O primeiro passo descrito pelo autor é conhecer aquilo que se vai estudar, que chamamos, no processo científico, de revisão bibliográfica. Compete ao pesquisador compreender bem do assunto que ele pretende investigar. Como uma segunda etapa, deve-se ir até o local, habitar entre os chamados nativos, fazer parte de sua rotina, participar de seus rituais. Essa observação participante seria tão intensa que, em algum momento, o pesquisador deixaria de ser um estrangeiro e passaria a ser como um membro da própria sociedade analisada. É necessário salientar que nessa época, e talvez um pouco menos com Turner que busca compreender apenas os rituais, a ideia de Malinowski era estudar o todo. Com a palavra ‘todo’, queremos dizer que, para ele, era necessário estudar todo o sistema social, desde o parentesco, passando pela formação de alianças até o sistema de trocas. E, como não há um arquivo muito bem consolidado sobre os nativos, o pesquisador deveria se equipar com uma câmera, instrumentos para desenhar mapas e até mesmo um caderno que seria utilizado para anotar todas as suas impressões, além dos mitos e narrativas dos pesquisados. A esse último, o autor deu o nome de *corpus inscriptorum* (1978).

Esse modo de se fazer a etnografia parecia algo incrível e, sem sombra de dúvidas, custaria anos de vida do pesquisador para que ele se tornasse um nativo como os nativos. Como consequência, esse novo método de Malinowski desembocou em diversos outros escritos. Personagens como E.E. Evans-Pritchard foram responsáveis por eternizar a etnografia como um traço marcante da antropologia inglesa. Seu clássico livro, os Nuer (2013), traz consigo todas as características de uma boa etnografia de acordo com a proposta de Malinowski. Tal como esse último, Evans-Pritchard inicia seu relato com uma entrada em campo, narrando as dificuldades que enfrentou ao longo de sua jornada heroica para chegar até a localização exata na Somália. Ele narra que

foi abandonado à própria sorte, tendo que recorrer a meios de transportes insólitos, e que, mesmo após sua chegada, os nativos que ali estavam se negaram veementemente em carregar suas malas e outros pertences. Novamente, somos tomados pelo sentimento de desalento, de solidão que o campo traz consigo, tal como nos Argonautas do Pacífico. Porém, outras formas da etnografia são reproduzidas por esse livro como a estadia em campo, o uso de determinados termos como trocas comerciais, sistema político, estado, parentesco - e até mesmo *vendetta* aparece entre os Nuer.

Podemos dizer que os autores que negaram as supostas conclusões teóricas de Malinowski fizeram uso do seu método, como Radcliffe-Brown, que propôs uma etnografia nos mesmos métodos do autor (1973). Porém, já na década de 1970, com textos como o de Geertz, sobre a interpretação das culturas, podemos ver claramente um esgotamento da totalidade etnográfica. Talvez seja possível realizar muitas etapas do método, ir até o local, ler sobre os nativos, mas compreender todos os aspectos sociais seria uma tarefa que se provou impossível. Por isso, a tendência é que foquemos na descrição de maneira densa de alguns aspectos da cultura de um dado povo, como uma briga de galo, por exemplo. Outros autores, além disso, como Gluckman, também já haviam proposto outras formas de investigação por eventos. Ele, por instância, promoveu uma descrição muito detalhada sobre uma inauguração de uma ponte na África do Sul (1983).

Nesse sentido de renovar as bases da etnografia, outros autores – como Marshall Sahlins (1987) – procuraram inovar no sentido de oferecer abordagens interdisciplinares para a disciplina. Dessa vez, o autor combinaria uma interpretação atual da cultura de seus nativos com um estudo aprofundado sobre um evento do passado: a morte do capitão Cook. É interessante notar que, nesse caso específico, Sahlins se diferencia dos demais antropólogos. Isso porque, até então, a relação com o tempo não havia sido alvo sistemático de discussão⁴. A metáfora da foto e do fotógrafo tão reforçada por nossos professores de antropologia no trato da disciplina parece fazer completo sentido para esses pesquisadores tidos como clássicos. Isso porque o objetivo era tirar uma foto assíncrona, livre do desgaste do tempo, que poderia oferecer uma explicação e visualização coerente de como são as estruturas sociais, as funcionalidades, o parentesco, a organização política e social de uma dada tribo isolada ora no Pacífico, ora na África, ou no máximo entre os indígenas da América.

4 Como exceção de E.E. Evans-Pritchard que em sua magistral obra os Nuer começa a esboçar uma diferença crucial entre tempo cronológico e tempo social. Esse primeiro seria o tempo para os britânicos, segue datas, dias, grupos de minutos; ao passo que o segundo seria o tempo das atividades, muito utilizado pelos nuers. É necessário pensar nos ciclos do gado, o quanto leva uma colheita etc.

Se até agora falamos sobre as bases firmes que Antropologia e seu suposto método-teoria – etnografia – se assentaram em boa parte dos anos até 1980, é preciso dizer que já nesta década uma série de textos publicados implicou em uma remodelação da disciplina graças a algumas perguntas desconfortáveis que ninguém, até aquele momento, parecia ter o ímpeto para responder, ou porque eram incômodas demais ou porque pareciam bobas em demasia. Algumas delas poderiam ser: será que os antropólogos realmente estudam a cultura ou os outros? (WAGNER, 2010); seria a etnografia com todos os detalhes e recursos retóricos uma forma científica ou uma forma literária? (CLIFFORD, MARCUS, 2010); há alguma consequência de observar em um dado local isolado da academia e, após alguns meses, escrever em um escritório confortável na Europa ou nos Estados Unidos? (GEERTZ, 1998); os termos que os britânicos utilizam para traduzir a vida nativa são realmente fiéis aos ritos, cerimônias e outros eventos observados? (ASAD, 2010). Existe uma cultura ou apenas alguns traços dos quais os nativos desejam destacar dela? Todo esse conjunto de perguntas apresenta um grau maior de reflexividade e nos convida a pensar e repensar algumas das bases mais sólidas da disciplina. Nossa concepção do que é uma etnografia e do que seria, então, uma experiência etnográfica atravessa algumas delas, principalmente no que se refere à escrita e à tradução.

Nós não somos nativos daquilo que estudamos. Nós não somos católicos e nunca fomos moradores do Alemão ou da Maré. Tal como nossos antecessores, travamos contato com grupos sociais que nos eram igualmente diferentes, distante de nós, eram os legítimos *outros* da antropologia. Portanto, relatar o contato que tivemos com esses grupos, em termos etnográficos, seria uma tarefa antropológica, de fato. Em um momento ou outro, tivemos até mesmo o sentimento de isolamento e solidão que parece reverberar nas obras de Malinowski. Basta apenas que escrevêssemos em um caderno de campo, como sugerido anteriormente, para, em seguida, construir uma etnografia. Contudo, ela parece ser um pouco mais; ela é uma forma de tradução e, ao mesmo tempo, é um recurso literário, uma forma de se usar da retórica (JAMES, MARCUS, 2016). Não basta apenas escrever, deve-se escrever de um jeito específico o qual é inteligível para os pares acadêmicos.

Clifford James, em seu texto sobre alegoria da etnografia (2016), chega a algumas conclusões importantes sobre a forma de escrita da etnografia. A etnografia possui alegorias sobre a cultura as quais não podem ser facilmente separadas dos fatos. Em

outras palavras, alegorias, anedotas feitas pelo pesquisador, não correspondem exatamente ao fato cultural, ou seja, a descrição não é o fato. Esse autor estava se referindo aos textos da antropologia cultural de Mead e Benedict⁵. Essa primeira foi acusada, entre outras coisas, de forçar uma conclusão de que, em seu trabalho de campo, visualizou uma espécie de partilha do cuidado com a prole entre os Arapesh. Isso, segundo seu próprio companheiro de campo, não era factível de acordo com as observações de ambos.

Porém, para Clifford (2016, p. 179), as etnografias são abertas às interpretações e, em todos os casos, seus autores possuem razões e motivações para produzirem um texto. Talvez, de fato, Mead tenha “usado de uma tribo para promover ideologias políticas”; porém, outros etnógrafos, assim como Malinowski, também possuíam motivos políticos para elaborar e concretizar seus textos. Quando optamos por falar sobre experiências etnográficas, pretendemos abrir nossos relatos às diversas interpretações possíveis sobre os fenômenos que observamos; e, além disso, mostrar aos leitores que, no processo de escrita, nossa subjetividade não é apagada. Nós, como etnógrafos, queremos demonstrar nossos objetivos políticos. Também queremos informar que a cultura dos “nativos” investigados não se reduz ao nosso relato. Nós produzimos, como se expressa Carneiro (2009), uma “cultura”, termo que a autora escolhe para demonstrar que existe a cultura dos nativos e existe uma “cultura” – entre aspas – relatada pelos antropólogos. Com isso, a autora quer nos dizer que os antropólogos e demais cientistas sociais criam e adaptam seus pontos de vista aos achados, é o que se fala sobre cultura e não exatamente a cultura em si. Por isso, nossas breves experiências não esgotam as possibilidades; elas, na realidade, possibilitam enxergar nosso ponto de vista sobre aquilo que vimos e experienciamos.

Por último, gostaríamos de chamar atenção para outro aspecto que são os termos utilizados por nós e as etapas dos textos. Mary Pratt (2010), em seu texto sobre a entrada no campo, reforça que a etnografia possui alguns mecanismos retóricos que aproximam diversos textos diferenciados sob um mesmo guarda-chuva. Um deles, por exemplo, é a entrada em campo. Quase todos os textos etnográficos possuem a descrição dessa entrada, podendo ela ser – e, de fato, é – um sintoma daquilo que será analisado, posteriormente, pelo autor. Novamente, somos atravessados pelas intenções políticas ou pedagógicas dos autores na elaboração de seus escritos. Asad também chama atenção para os usos de

5 Para uma descrição mais apurada do texto de Mead, ver: <https://ea.fflch.usp.br/obra/sexo-e-temperamento-em-tres-sociedades-primitivas>. Último acesso em 23 de junho de 2022

determinados termos (2016), que, longe de fazerem parte do cotidiano de quem é estudado pelos etnógrafos, fazem, isso sim, parte da rotina acadêmica dos pesquisadores. Portanto, na etnografia, há um método de escrever que é um método de se traduzir aquilo que se vê. Nossas experiências trazem consigo uma preocupação com esses dois pontos: tanto em aproximar a nossa escrita dos textos dos recursos retóricos da disciplina quanto traduzir aquilo que vimos em uma linguagem acessível para nossos pares. Afinal, a boa etnografia é aquela que possibilita comunicar experiências (PEIRANO, 2014).

Ao longo de todo processo de construção teórica e metodológica, poderíamos entender como na etnografia houve revisões e adaptações aos momentos históricos, contextos socioculturais e à própria transformação das ciências sociais. Se à época de Malinowski a etnografia representava um estudo completo do todo sociocultural de um grupo, com o passar dos anos e das produções científicas, a etnografia se mostrou possível também para se fazer pesquisa com recortes mais específicos. E foi, também, sendo transfigurada para que fosse usada em outras formas de se fazer pesquisa: à distância, pela internet, via documentos e mais tantas as quais seja possível aplicá-la. Como mencionou nosso clássico Malinowski, tão mencionado neste trecho, a pesquisa etnográfica depende, antes de tudo, da assistência e do auxílio de outros sujeitos, o “outro”, que se torna também um “nós” no contato constante e nas relações que se estabelecem.

Assim, compreendemos que a etnografia é, para além de um método, também um ponto de vista, uma maneira de enxergar determinado fenômeno, categoria, conjunto de relações e mesmo os próprios arquivos⁶. É uma perspectiva que nos coloca em um local de estranhamento. Que no processo de escrita, tem um formato próprio, com termos que ajudam a traduzir nossa experiência para nossos pares.

Não esquecendo, além disso, que nós possuímos objetivos, dos mais diversos, quando escolhemos elaborar o presente texto. Portanto, não excluímos outras possibilidades de interpretação sobre o observado, apenas trazemos aquela que nossa subjetividade permitiu. Contudo, antes de passarmos aos relatos propriamente ditos, é preciso salientarmos uma característica que diferencia nossas pesquisas de outras clássicas abordagens da antropologia. Nossa pesquisa foi conduzida, majoritariamente, de forma *online*. É verdade que a etnografia é, antes de tudo, uma forma de se escrever que leva em consideração as relações do etnógrafo com um “*Outro*”; porém,

poderia ela ser feita inteiramente nas e pelas redes?

Com a pandemia, nos vimos em situações de repensarmos e adaptarmos nossos métodos e continuidades de pesquisa. Manter contato com nossos/as interlocutores/as de forma remota, aprofundando nossa relação com tecnologias e mídias já presentes no nosso dia a dia (como celulares e aplicativos como *WhatsApp*⁷), reconfigurou não apenas nossas incursões etnográficas, como também nossa própria relação com essas ferramentas. Também nos colocou o desafio de adentrarmos em novos debates e temáticas, como a literatura referente à antropologia digital e suas diversas categorias e perspectivas: termos como cibercultura, ciberespaço que, gradualmente, foram abandonados e deram “lugar ao digital” (SEGATA, 2016), em que hoje fala-se mais frequentemente “em antropologia do digital e antropologia digital, esta segunda, mais abrangente, incluindo pesquisas que fazem uso de ferramentas digitais” (LINS, PARREIRAS, 2020, p. 04).

Percebemos, pois, que não apenas a reformulação de nosso método etnográfico seria atravessado pelos desdobramentos da pandemia, mas também nossa percepção e sobre os usos e os sentidos sociais das tecnologias digitais - percebendo, inclusive, a maior centralidade destas em nossas incursões etnográficas, visto que os usos de ferramentas digitais se mantiveram presentes mesmo após o período de flexibilização das restrições de contato postas pela pandemia.

Uma das pioneiras do método de pesquisa antropológica feita *online* é Christine Hine. Em 2001, ela produziu um pequeno livro chamado *Virtual Ethnography* (2001), no qual apresenta algumas das possibilidades de se fazer pesquisa online, sendo o livro, também, um ótimo manual de como se fazer pesquisa na internet. Por último, o livro também é uma defesa das etnografias feitas somente *online* (sem levar em consideração a vida dos sujeitos *offline*). Não podemos dizer que outros autores já não pensaram nessa possibilidade na época em que Hine escrevia sua apologia às pesquisas *online*; contudo, a autora possui uma ótima forma de sintetizar o debate e de oferecer, aos novos pesquisadores em antropologia, um passo-a-passo robusto de como de fato se faz uma etnografia *online*.

Em seu terceiro capítulo, *The virtual objects of ethnography*, Hine vai apresentar de forma mais pormenorizada os motivos que a levam a defender uma pesquisa feita de forma *online*, sem a consulta do mundo *offline*, ou seja, sem o clássico contato face-a-face. Sobre esse tipo de interação mais corpó-

6 Aqui gostaríamos de trazer a frase de Sahlins: “o passado é uma cultura”. Para mostrar que, mesmo ao olhar pro passado, podemos ter uma experiência diferente, defrontando-se com o outro.

7 Um aplicativo multiplataforma de mensagens de texto e de áudio instantâneas para smartphones, também com chamadas de voz e de vídeo.

rea, a autora comenta que alguns antropólogos céticos em relação a seu método relatam que, ao não ter uma pesquisa face-a-face, ela acaba produzindo uma versão etnográfica que seja apenas uma perspectiva da autora sobre os nativos e não a verdadeira perspectiva dos nativos sobre eles mesmos (HINE, 2001, p. 45). Porém, para a autora, a etnografia é um ponto de vista de um autor. Mesmo em trabalhos como o de Margaret Mead em Samoa, que foi feito de forma 100% presencial, foi duramente criticado por ser uma perspectiva da etnografia mais do que seus nativos. Isso porque, como tentamos mostrar acima, a etnografia é uma perspectiva de quem a escreve e não seria possível escapar dessa realidade.

Contudo, mesmo sendo verdade que a etnografia é uma perspectiva relativa ao próprio pesquisador, para uma parte significativa do campo, o *estar lá* [em campo] confere ao antropólogo uma certa legitimidade a qual seria impossível fazer uma verdadeira etnografia. É necessário salientar que o estar lá não é sinônimo direto de presença física do pesquisador. O *estar lá* é estar onde estão os nativos. Segundo Hine (2001, p. 49), é necessário realizar uma pesquisa simétrica, ou seja, estar onde seus nativos estão, usar os mesmos meios de comunicação que eles usam. Então, para compreender o contexto cultural de fóruns da internet – como é o caso da própria Hine –, é preciso estar nos próprios chats, sites ou grupos que esses nativos compõem. Não é necessário consultar a vida dos sujeitos *offline*, se seu objeto está inteiramente *online*. Na então pandemia do COVID-19, isso era ainda mais verdadeiro. Afinal, em muitos casos, os sujeitos sociais não tinham – ou não poderiam ter –, uma vida fora desse circuito online. Buscar evidências *offline* que comprovassem as evidências captadas *online* não fazia sentido naquele momento. Então, a depender da construção do seu objeto, o estar lá etnográfico pode ser estar presente em um fórum da internet.

Outros dois autores que se aproximam de Hine no debate sobre a etnografia *online* e *offline*, como David Muller e Don Slater. Para eles, embora sem contato face-a-face, uma etnografia feita exclusivamente de modo virtual pode ser considerada uma legítima etnografia, uma vez que ela combine a “triangulação de participação, observação, conversa e texto” (MILLER, SLATER, 2004, p. 44).⁸ Assim, é necessário que os autores levem em consideração a presencialidade e a participação mesmo que não seja feita de um modo físico. Estar em constante diálogo, participando dos eventos que os nativos frequentam, páginas, arquivos, realizando um esforço no sentido

de compreender os significados que eles oferecem a determinadas expressões e linguajares. Tudo isso pode ser lido como *estar lá*.

Pesquisa de campo e documentos

A minha trajetória acadêmica se inicia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ao me graduar no curso de relações internacionais. Após prestar o exame de admissão, ingressei no mestrado em sociologia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Por último, depois da conclusão dessa etapa, dei início ao curso de doutoramento na mesma área. É importante dizer que, durante a minha pesquisa de dissertação, eu conduzi uma série de entrevistas com um membro da elite católica do Rio de Janeiro, Cândido Neto, com aproximadamente um ano de duração. Em todos os momentos das entrevistas, eu consegui acompanhar o dia a dia dos trabalhadores do edifício João Paulo II, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Desta forma, a pesquisa documental, sem a possibilidade de ouvir os sujeitos sociais envolvidos na trama da pesquisa, tornou-se uma novidade para mim e uma nova instigação para minha carreira enquanto pesquisador.

Iniciar uma pesquisa em arquivos pode ser tão desafiador quanto uma pesquisa de observação participante no sentido clássico do termo. Muitas vezes os documentos possuem grande relevância para os sujeitos sociais e, por consequência, eles armazenam este conjunto de papéis em salas, quartos, instituições para que haja um controle sobre o acesso. Afinal, os documentos são o modo de se comunicar com o mundo, armazenar memórias e narrar os acontecimentos passados. Em meu caso, apesar de ter que insistir no contato com a Mitra Diocesana – instituição responsável por gerenciar o espaço diocesano – por meio de telefonemas, não encontrei nenhum grande obstáculo para chegar até os documentos. Ir até o arquivo, conversar e ter acesso ao dia a dia da mitra não foi tão difícil quanto eu achei que seria. Para conseguir tal tarefa, eu tive que fazer uma entrevista com o historiador da diocese, senhor Antônio Lacerda, responsável pelo arquivo geral. Ao conversar com ele, o mesmo se mostrou muito benevolente com a pesquisa que, inicialmente, era sobre as conexões entre o movimento de associação de bairros e a Igreja católica em Nova Iguaçu.

Quando cheguei ao prédio da diocese, localizado no bairro Moquetá, para encontrar seu Antônio, ocorreu um choque entre a minha expectativa do que encontraria no local e o que realmente se apresentava diante de mim. O prédio, como um todo, lembra-

⁸ Os autores comentam sobre a forma holística de uma etnografia presencial. Para eles, uma etnografia online traria um foco mais robusto em torno de uma temática específica. Hine (2001) também concorda nesse ponto. Para a autora, a depender da construção de seu objeto de pesquisa, ser holística ou focalizada, pode não ser um problema para a escrita da etnografia.

va um escritório de contabilidade, com uma organização completamente secularizada. Havia diversas instâncias, impressoras funcionando a todo vapor, trabalhadores da contabilidade dialogando sobre a formação de determinados documentos com os do que entendo serem do RH. Porém, foi possível perceber algumas diferenças sutis. Havia uma quantidade de símbolos, ritos e linguagens que denunciavam o ambiente religioso em que estava presente. Uma das lembranças mais marcantes desse momento foi a espera para ser atendido por seu Antônio. Isso porque, enquanto aguardava, pude ouvir uma conversa de um casal que queria a certidão de nascimento e batismo de um membro de sua família. Eu tentei anotar algumas partes do diálogo; porém, devido ao linguajar católico, não compreendi quase nenhuma palavra. Creio que este seja um dos primeiros desafios reais que enfrentei na pesquisa. Por não ter tido formação religiosa, eu tinha muita dificuldade de traduzir alguns dos termos para a linguagem acadêmica. Mas, nesse dia, Lacerda se mostrou de grande ajuda para que eu compreendesse esse universo. Após ser atendido, seu Antônio me levou ao local onde poderia encontrar os documentos.

Primeiramente, o arquivo da diocese está localizado na própria mitra, em um prédio de três andares. O primeiro deles é reservado para a burocracia da diocese: tesouraria, administração, almoxarifado. No segundo, podemos encontrar uma espécie de alojamento para os padres que frequentam o seminário. Por último, há um andar inteiro para os documentos da diocese. Eu, como noviço pesquisador, quando me defrontei com essa imensidão de arquivos fiquei tão eufórico que parecia ter encontrado um tesouro. Eu peguei vários documentos diferentes. Naquele momento, eu não pensei muito sobre os objetivos da pesquisa; apenas queria ler o que aqueles padres e o bispo tinham a me dizer sobre o passado do catolicismo em Nova Iguaçu. De primeira, peguei três papéis. Uma prestação de contas, um informe e um boletim. Bastaram apenas alguns segundos para que as minhas pré-noções sobre o papel da religião na região rúissem completamente.

Como fui informado pela literatura especializada (MAINWARING, 2014), Nova Iguaçu e sua diocese eram o “baluarte do progressismo”. E aqueles três primeiros documentos já me sinalizam que não era bem assim. Parecia uma visão estereotipada de Mainwaring sobre o que era a Igreja no município. De qualquer forma, ao me deparar com uma quantidade volumosa de livros e documentos de imprensa, decidi mudar o objeto da pesquisa. Eu tomei como método investigar os documentos da imprensa católica e o objetivo era compreender o que aqueles arquivos me diziam sobre a visão de mundo de

Dom Adriano, bispo de Nova Iguaçu sobre o qual Mainwaring escrevia. Esta mudança se deu em virtude de uma curiosidade minha em relação à cosmologia que tais documentos apresentavam. Em outras palavras, era de interesse meu interpretar como a “hierarquia eclesiástica” (o conjunto de membros do clero que regiam a diocese) compreendia a realidade social a sua volta e como tal compreensão era registrada nos documentos.

Para realizar tal objetivo, eu iria investigar os arquivos de circulação ao público que a diocese produziu, na gestão de Dom Adriano (1966-1996). Todos eles podem ser encontrados no arquivo da diocese, em Nova Iguaçu. Dessa maneira, iniciei a pesquisa de campo. Eu visitava a diocese praticamente todos os dias, entre 9 da manhã e meio-dia, lendo o máximo de papéis que conseguia, tirando fotos e anotando resumos no caderno de campo. Porém, algumas dificuldades ainda atravessavam a realização do trabalho. A primeira delas é a segurança da diocese. Por não portar nenhum símbolo católico e não ser funcionário da instituição, minha entrada foi barrada algumas vezes, perdendo algumas horas de pesquisa.

A segunda era o linguajar e os termos católicos que tornavam a leitura um processo ainda mais árduo. Por ter sido criado em um ambiente parcialmente livre do catolicismo, eu tive dificuldades na compreensão de palavras que eram de suma importância em alguns textos como “eucaristia”. Essa segunda dúvida era, por vezes, sanada pelo próprio seu Antônio, que me ajudou na compreensão e me forneceu detalhes sobre algumas narrativas presentes nos documentos que estava investigando. Uma terceira e última dificuldade desse momento inicial era comunicação com seu Antônio por aplicativos de mensagens. Por vezes, ele não respondia e, quando respondia, já era tarde para ir à diocese.

Todo esse conjunto de obstáculos não impediu a realização da pesquisa. No arquivo, investiguei todo o material referente ao ano de 1969 e foram coletadas fotos dos arquivos e anotações. Estar presente no arquivo era de grande importância, uma vez que tinha ajuda do nosso colaborador Antônio e um vasto acesso a outros documentos como fotos e jornais que narram um pouco a história da diocese. Por último, para uma pesquisa de cunho antropológico clássico, estar presente no ambiente é de ulterior relevância. Ao estar “no campo”, o/a pesquisador/a pode ter acesso ao linguajar dos nativos, suas práticas, cerimoniais, modos como interpretam determinado acontecimento e até mesmo participar da vida coletiva do local. De fato, como é apontado por Miller e Slater, “estar lá” proporciona uma visão mais holística no que se refere ao campo e aos nati-

vos.

Não obstante, nossa estadia na diocese foi interrompida bruscamente. O contato com seu Antônio piorou sensivelmente e os casos de COVID-19 começaram a aumentar de maneira significativa no primeiro semestre de 2021. As mortes, internações e sequelas causadas pela doença ceifaram a vida de vários iguaçuanos e, por fazer parte dessa população, os membros da diocese foram igualmente afetados. Um dos exemplos de maior perda para os quadros da burocracia diocesana foi o do padre Vandenabeele, que veio a falecer ainda em 2020. Ele fez parte do quadro de funcionários e teve uma participação de destaque durante a gestão de Dom Adriano. Vandenabeele também ajudou a construir a *Folha*, um dos periódicos que analiso durante a pesquisa.

Apesar da participação no campo ter sido interrompida inesperadamente, a pesquisa em arquivos continuou por meios virtuais e, no início de 2022, voltei ao campo. Dessa vez, o arquivo foi parcialmente movido para outro bairro, em Nova Iguaçu, chamado Parque Flora. Graças aos esforços do Centro de Documentação e Imagem da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CEDIM-UFRRJ), os diversos arquivos da diocese foram digitalizados e disponibilizados na internet. Isso inclui não somente os documentos os quais tomamos como objeto de pesquisa, mas uma variedade enorme de atas, declarações na mídia, fotos em eventos públicos. Desse modo, mesmo que não fosse possível estar presente no dia a dia da diocese, podemos ter acesso aos documentos necessários para a pesquisa. E, com o retorno, em 2022, restabelecemos o acesso ao campo.

É importante salientar que, como supracitado, realizar a pesquisa de forma *online* não é necessariamente fazer dela menos antropológica. Isso porque nós continuamos a manter um diálogo constante com o universo dos nativos, seja através de breves conversas com Lacerda ou até mesmo através de pesquisas complementares. Assim, tentei manter a triangulação proposta Miller e Staler (2004). Por último, o meu objeto (a visão de mundo de um bispo) estava contida, na maior parte, em arquivos *online* e, como aponta Hine (2001), quando seu objeto está *online*, você deve “estar lá” também. Não fazia sentido, e também não era possível, checar a veracidade daqueles documentos se meu objeto era apenas o que estava escrito neles. Sendo o objetivo da pesquisa compreender como os membros da “hierarquia eclesiástica” de um município da Baixada Fluminense compreendiam a sua realidade social – a sua visão de mundo, a pesquisa não demandava um olhar “holístico” da presença física do pesquisador.

No que se refere ao conteúdo da pesquisa, era meu desejo investigar qual a visão de mundo desse

grupo e de que modo tal visão tencionava as diversas maneiras de pensar o catolicismo presentes na literatura especializada sobre o tema. Quando se debate essa religião, é comum o uso de termos como “conversador”, “progressista”, “moderno” e “integrista” (MAINWARING, 2004; KADT, 2007; GONÇALVES, 2012); porém, para os fins desta pesquisa, tentei fugir de uma interpretação polarizante e busquei novos modelos para interpretação do pensamento religioso. Por isso, reduzi a escala a uma quantidade menor de dados, o que me auxiliou a ver vicissitudes, detalhes e tensões nos documentos analisados.

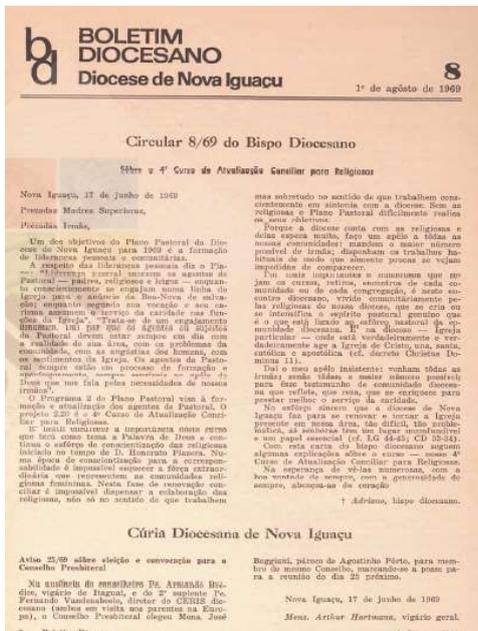
Na escolha de quais arquivos seriam analisáveis, optei por documentos de imprensa intraclérigo (voltada somente para o clero) e intradiocesano (entre os membros leigos e os não leigos). Sobre isto, Koselleck (2020) nos informa que um grupo social precisa comunicar seus termos, visões e interpretações para que os demais membros de uma sociedade possam compreender quais pautas, vontades e interesses essa associação está pregando. E os documentos feitos para comunicação são, por excelência, os de imprensa. Como nos mostra Gonçalves em seu estudo sobre a imprensa católica conservadora (2012), os arquivos feitos com o objetivo de se comunicar jogam luz sobre as diversas formas de entendimento de um dado grupo social.

Assim, escolhi dois deles: o periódico *A Folha* e o *Boletim* diocesano. O *Boletim* diocesano é uma espécie de circular para orientar os padres da diocese ou demais membros da burocracia a como exercer suas funções. Geralmente, as edições do *Boletim* contêm reflexões e críticas que são circunscritas em uma seção chamada “circular”, além de um espaço para notícias, avisos e prestações de contas. Tal instrumento de imprensa foi publicado pela primeira vez em 1969 e se encerrou em 1992, com um total de 531 documentos publicados ao longo desses anos. A maioria dos textos são escritos pelo bispo Dom Adriano; ao passo que a maior parte das notícias, encaminhamentos e prestações são elaborados pelos vigários gerais.

A Folha, por outro lado, é um jornal confessional e semanal cujos editores nem sempre assinam os textos. Suspeito, devido a um exame breve em dossiês elaborados por agentes da censura durante a ditadura civil-militar brasileira, que o editor-chefe fosse o Pe. Fernando Vandenabeele, em conjunto com Dom Adriano. A anatomia deste periódico também se diferencia do *Boletim*. Ela começa com um texto reflexivo sobre notícias mundiais e nacionais; seguido de uma coluna assinada por A.H. (que provavelmente corresponde a Dom Adriano Hypólito). Em um terceiro espaço encontramos uma entrevista entre o redator do jornal e Dom Adriano. Por últi-

mo, temos uma seção que se dedica exclusivamente à missa de domingo e reflexões sobre a bíblia. Por se tratar de um lançamento semanal, a quantidade de documentos é muito maior. Por isso, nós nos dedicamos a examinar somente as três primeiras partes (notícias sobre o mundo, coluna de A.H. e entrevistas com Dom Adriano).

Imagem I- Capas de A Folha e o Boletim



Fonte: Centro de Documentação e Imagem, 2018

Como se pode observar, apenas com as capas de ambos, compreender o dialeto usado pelos seus produtores demanda uma interação com o universo do próprio catolicismo. Isso porque o pesquisador deve estar ciente do que é um cursilho, romarias, dentre outras expressões utilizadas por esses nativos. Em meu caso, além das pesquisas complementares feitas de modo *online*, foi de grande importância o contato que tivemos com a cosmologia dessa religião durante o mestrado. A pesquisa de dissertação sobre a história de vida de um membro da elite católica serviu de introdução à linguagem e ao pen-

samento católico, visto que anteriormente não havia sido feito qualquer espécie de contato com a Igreja por parte do pesquisador. É válido ressaltar que, enquanto método, a trajetória de vida guarda algumas vantagens em relação às demais metodologias, como a própria etnografia de documentos.

Por meio da trajetória de vida, é possível verificar algumas coisas como: (I) a estrutura de memória de algum indivíduo; (II) a maneira com a qual mudanças estruturais são retratadas a partir de casos particulares. Ao entrevistar este membro da elite católica, por vezes, ele omitia sua família das histórias e destacava em demasia sua vida profissional. Com isso, pude ver que, para ele, o trabalho é a característica a ser destacada em sua vida. Já no segundo ponto, observei, por meio de seu relato, mudanças estruturais da Igreja como a transformação da Cáritas em um órgão de assistência humanitária, desenvolveu-se ao longo do século XX. Desse modo, é válido complementar a pesquisa documental acerca da cosmovisão dos atores, com as trajetórias de vida que eles possuem.

De qualquer forma, a investigação com estes arquivos está em andamento. Inicialmente, analisei todo material disponível até 1974. Acredita-se que este é um ano chave, pois a partir dele as relações entre Igreja e governo ditatorial começam a se mostrar abaladas (SERBIN, 2017). Nesta primeira etapa da pesquisa, detectei algumas características deste pensamento que tensionam a dicotomia clássica entre progressismo e conservadorismo que estão presentes na literatura especializada sobre catolicismo. Isso porque vê-se que o bispo da diocese e o restante da hierarquia possuíam uma angústia em relação aos problemas sociais que afetavam os habitantes da Baixada Fluminense; porém, ao mesmo tempo, há uma ansiedade em relação à “moral” da população baixadense e um sentimento de necessidade de purificar os ambientes de “imoralidade” presentes no município.

Meu objetivo com esta seção foi trazer à tona uma experiência subjetiva de um pesquisador que se propôs a realizar seu trabalho em meio à pandemia, buscando repensar o “campo” e o “estar lá”, ou seja, o fazer antropológico. Antes de prosseguirmos à próxima seção, destaco que a etnografia, mesmo neste caso, é uma forma específica de ver e descrever o mundo feita de forma *online* ou não. Neste relato, utilizei de sua forma retórica e de seus recursos para tentar mostrar como nossa experiência em primeira pessoa do singular operou em meio ao caos perpetrado por políticas públicas e um vírus. É preciso acrescentar também que a etnografia é sobre uma linguagem que tenta traduzir aquilo que é estranho para si. No que se refere ao catolicismo, empreendi

um esforço para traduzir os pensamentos, conceitos e visões de mundo desse grupo específico.

Entendemos, ambos os autores desse texto, por outro lado, que este não é o único meio possível de fazê-lo. Por isso, traremos outra possibilidade. Nesta nova experiência subjetiva, será possível analisar como a pesquisadora deu novos contornos a sua pesquisa e como o fazer antropológico se reinventou para dar continuidade à pesquisa já em andamento.

Pesquisa de campo – entre o presencial e o remoto

Em 2019, ainda no mestrado, iniciei minha pesquisa de campo dentro de uma comunidade que faz parte de um conjunto de favelas que desenha a fotografia da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro: o Complexo do Alemão. O local e olhar de quem escreve este artigo é o de uma pessoa que não nasceu e cresceu na cidade do Rio: parte da visão de uma mulher vinda de uma média cidade do Sul do estado do Rio de Janeiro, de um bairro originalmente operário, fora da dinâmica social e política de uma grande cidade. Mas também do olhar de uma jovem atualmente moradora da Zona Norte da capital carioca buscando fazer pesquisa com mulheres nascidas e criadas na favela.

Fazer uma pesquisa etnográfica requer um trabalho detalhado e complexo. Exige uma reflexividade do pesquisador e uma aproximação e afastamento com o campo, com os interlocutores e com os espaços. É necessário, como nos diz Cefai (2013), “ver as coisas como elas são”, adotar as perspectivas que os/as interlocutores/as possuem sobre suas rotinas, suas atividades, seus trabalhos e suas relações. Somado a isso, exige-se questionamentos acerca de sua própria atividade e as consequências da realização da etnografia para o/a pesquisador/a, para os/as interlocutores/as e seus entornos (CEFAI, 2013).

É necessário, ainda, olhar o máximo da totalidade do cotidiano e da vida. As temporalidades e territorialidades do campo, os personagens envolvidos, as redes de relacionamento dos/as interlocutores/as, os locais pelos quais circulam, os locais pelos quais o/a pesquisador/a circula, a forma com que o/a pesquisador/a se apresenta e a forma com que será acolhido/a e entendido/a pelo/a interlocutor/a, bem como as diferenças entre a forma com que o/a pesquisador/a e o/a interlocutor/a vêem e lidam com o mesmo objeto e o mesmo espaço e todo o conjunto de atores sociais que desenham a rotina dos/as interlocutores/as.

Nesta seção, apresento duas principais experiências de pesquisa que venho tendo: ir a campo e fazer um campo remoto. Logo de início, a pandemia causada pelo novo coronavírus trouxe diversas preo-

cupações, incertezas e reacendeu debates sobre saúde e desigualdades, trazendo, inclusive, empecilhos para os/as pesquisadores/as: como fazer campo em um contexto de isolamento social, em que ficar em casa é imprescindível para a segurança e manutenção da vida de milhares de pessoas?

O que inicialmente se mostrou como uma preocupação, e até mesmo como um obstáculo, aos poucos foi se manifestando como uma nova realidade, ainda pouco explorada - mesmo que com um campo aberto desde os anos 2000, principalmente a partir do trabalho de Hine - pela academia: o fazer pesquisa à distância.

A primeira experiência de entrada no campo que tive foi a partir de uma casa já conhecida por mim, na qual tenho o hábito de frequentar. A partir de uma amiga, parente de Pâmela, conheci minha interlocutora, com quem mantenho contato desde o ano de 2019. Pâmela mora em uma das favelas que compõem o Complexo do Alemão, é mãe de duas meninas e possui um pequeno negócio, um Studio de unhas⁹ dentro da comunidade, que abriu no começo de 2020.

Nesta pesquisa, assumi o objetivo de compreender as interações e situações daquele momento, sem o propósito de olhar com mais profundidade suas relações e dinâmicas cotidianas. Mas, apesar de uma proposta divergente ao que é colocado pela etnografia, a pesquisa do mestrado abriu um caminho para que eu pudesse, já no doutorado, buscar fazer uma etnografia da centralidade dos dinheiros da casa e na casa na vida das mulheres de classes populares.

Neste trabalho, contudo, não irei apresentar, mais a fundo, suas rotinas, histórias e relacionamentos. Como o intuito deste artigo é trazer relatos de experiência próprios dos/as pesquisadores/as em torno do trabalho de campo, me limito a situar minhas interlocutoras no tempo e espaço e descrever como foi e está sendo a prática de fazer uma pesquisa de campo virtual e físico.

Começo, então, descrevendo os espaços de minha primeira interlocutora. O caminho de minha casa até a casa de Pâmela é tranquilo. Pego um Uber até a entrada daquela localidade da favela, trajeto que dura, no máximo, 15 minutos, e subo a pé mais algumas ruas adiante. Em tempos de pandemia, a frequência de minhas idas até às casas que configuram suas redes de relacionamento (como a casa de sua tia e a casa de sua mãe) e ao seu Studio diminuíram consideravelmente, sendo retomado aos poucos. Minha primeira ida ao seu estabelecimento foi ao final de 2020, retornando novamente já em 2021. A partir do final de 2021 e de uma quase retomada à “normalidade”, voltei a frequentar os principais espaços deste

9 Categoria utilizada pela própria interlocutora.

meu circuito de interação.

Quando vou ao seu Studio, que fica próximo à sua casa, percebo também as dinâmicas que ocorrem a partir de seu estabelecimento. Com cerca de 6/7 m², montado na garagem de uma casa, o Studio possui paredes de *drywall*, uma mesa de manicure à esquerda da entrada, duas cadeiras e uma estante com esmaltes. Ao lado da porta de entrada, uma prateleira ao lado da mesa com esmaltes, alicates, algodão, acetona e os aparelhos de manutenção para as unhas. Em cima da mesa, há dois aparelhos aquecedores para colocar as mãos que servem para secar o esmalte mais rapidamente. À direita, uma cadeira profissional para designer de sobrancelha, um galão de água e uma portinha, que dá para um pequeno banheiro. O Studio foi todo montado com um dinheiro que conseguira juntar e com a ajuda de familiares e amigos. “Essa porta, foi meu padrasto que me deu, que pagou pra mim. Essa mesa aqui, o cunhado da minha tia é marceneiro, aí eu comprei dele, o expositor também, fez sob medida. A televisão é da minha sala [...]. Tudo foi aos pouquinhos eu comprando, os outros dando. [Meu tio] tanto me deu a parede quanto veio colocar”. Tais pontos vão demonstrando a rede de solidariedade em uma relação recíproca em que quem ajuda também será ajudado.

Em uma de minhas idas ao Studio¹⁰, ao final de 2020, percebi ser um dia um pouco mais movimentado. No momento em que estive lá, quatro atores principais apareceram: a mãe com a filha de Pâmela, uma amiga que havia pedido uma furadeira emprestada e um homem que passou para buscar um dinheiro, além da cliente que estava lá finalizando a manutenção da unha. Como sua porta de entrada é de vidro, é comum que vejamos e reparemos quem passa pela rua. E até quem passa apenas para dar um “oi” traz uma representação das interações que Pâmela tem ao longo do dia. Como é uma mulher muito simpática e comunicativa, Pâmela conhece e fala com muita gente. A cada pessoa que batia na porta, uma fala em tom de brincadeira era dita, e a cada pessoa que entrava, Pâmela nos contava qual era sua relação com ela.

Já em outra ida ao Studio, em julho de 2021, logo pela manhã, seu marido ficou “desconfiado”, achando que ela iria receber um homem no estabelecimento e ficou constantemente mandando mensa-

gens para ela. Pâmela me contava a situação rindo e falando que ele era “surtado”, em tom de deboche. “Mas, se ele aguenta os meus surtos, eu tenho que aguentar os dele, né?”. Uma hora depois ele passou no Studio para deixar um dinheiro. Como eu estava de costas para a porta, cabelo curto, roupa larga e de máscara, ele ficou tentando olhar para mim para confirmar que eu era, de fato, uma mulher.

Tais pontos são mencionados aqui para destacar que: os espaços do Studio, quem entrava e saía do local, a reação de seu marido, nada disso me foi contado, mas visto e ouvido por mim enquanto eu ainda estava ali. Perceber a circulação das pessoas, onde fica cada objeto, ver o humor de Pâmela, a forma com que ela falava com os amigos e parentes que entravam e a forma com que tirava sarro de seu marido, são questões que se apresentam como parte da pesquisa para a construção de uma etnografia que visa olhar os acontecimentos da vida cotidiana. Ao passo que me conta sobre a sua vida, sua relação com o marido, sua relação com as filhas, seu negócio, seus dinheiros, outros pontos não precisam me ser ditos para serem entendidos como parte daquela construção cotidiana.

Em novembro de 2020 tive a oportunidade de ingressar em uma pesquisa¹¹ promovida pelo Nu-CEC – Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia do Museu Nacional, UFRJ, uma parceria do núcleo com diversas universidades do Estado do Rio¹² e com a ONG Redes da Maré. A pesquisa tem como objetivo entender os impactos da pandemia na organização econômica das casas e nos negócios de famílias no Complexo da Maré, conjunto de favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro. Tem como metodologia a realização de entrevistas remotas, feitas por telefone e aplicativos como *WhatsApp* com famílias e donos de pequenos negócios¹³.

A etnografia digital, como pontuamos, tem seu espaço enquanto metodologia etnográfica já há algumas décadas. E se apresentou como uma possibilidade e uma saída estratégica à pandemia e seus efeitos e desdobramentos para as pesquisas dentro das ciências sociais. Assim, como destacaram Lins, Parreiras e Freitas (2020), o contexto da pandemia parece “instrumentalizar a internet como ferramenta de pesquisa, além de possibilitar um olhar fresco e atual sobre suas potencialidades e limitações” (p.

10 Selecionei, para este artigo, apenas algumas vezes em que fui a campo, sem, contudo, trazer a totalidade de todas as minhas incursões.

11 Pesquisa Dinâmicas Econômicas na Maré em tempos de pandemia Economia, sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com a Redes da Maré, sediada na Maré.

12 IFCS-UFRJ, UFF, IESP-UERJ.

13 Em cada etapa de entrevistas, uma dimensão é enfocada: na primeira etapa abordamos o contexto da pandemia; na segunda entramos com mais detalhes sobre a organização da casa e do dinheiro da casa; na terceira enfocamos o negócio, seu funcionamento, fluxo de clientela e as principais mudanças e continuidades; na quarta demos maior ênfase à questão de saúde; já na quinta, enfocaremos questões de inflação e aumento do preço dos insumos (até a etapa em que nos encontramos no momento); e na sexta e última etapa abordaremos as relações familiares e as histórias de cada família.

01). Nesta pesquisa, a escolha de uma metodologia que centralizasse as relações virtuais foi uma escolha metodológica para não apenas nos adaptarmos aos modos de fazer pesquisa em contexto pandêmico, mas também com o propósito de fortalecer o método virtual/remoto como uma das tantas possibilidades de se construir pesquisa e espaço etnográficos.

A pesquisa que vem sendo desenvolvida na Maré nos traz grandes experiências e desafios. O primeiro desafio é sustentar uma relação próxima e um contato frequente à distância, a partir do celular, e manter o/a interlocutor/a interessado em conversar conosco ao longo de vários meses. Mas, principalmente, o desafio de estabelecer uma relação próxima sem estar face a face. E isto se torna um desafio ainda maior para mim se levarmos em conta que minha aproximação com Pâmela se deu de maneira menos formal, a partir de um churrasco na casa de uma amiga. Além disso, não conheço apenas Pâmela, mas também boa parte de sua família, como sua mãe, suas filhas, suas tias, algumas primas e amigas. Minha interação, então, não está restrita à Pâmela, e tenho a oportunidade tanto de acompanhar eventos e festividades, como ouvir histórias, comentários e até mesmo fofocas que são narradas por outros membros da família. O que, pela limitação da pesquisa remota, por telefone, não me proporciona com minha principal interlocutora na Maré, Jussara. Em determinados momentos escuto seus filhos ao fundo, escuto ela falando, brincando ou dando bronca neles, e comentando em seguida comigo o que eles estavam fazendo. Mas não há a interação com esses outros membros como numa presença em campo.

Por outro lado, a pesquisa remota inova ao demonstrar a possibilidade de se fazer pesquisa de campo sem, de fato, ir ao campo. Através de entrevistas que vão sendo feitas de tempos em tempos, e a partir de um guia de perguntas, as conversas e as relações com os interlocutores vão sendo feitas e construídas.

O principal achado em fazer uma pesquisa remota, a partir de minha experiência, é “ver” as casas e os negócios dos interlocutores com base em suas próprias falas. Enquanto no Studio de Pâmela e nas casas pelas quais passo, os espaços, os itens, os produtos, a decoração não precisam ser mencionados, aqui eu só conheço aquilo que me é dito. E a partir do que me é dito, tento construir uma fotografia dos espaços no meu próprio imaginário.

Em determinadas etapas da pesquisa, perguntamos como era a casa e como eram os negócios, como eles descreveriam para nós os cômodos e como os espaços eram organizados. Conforme iam

me contando, pude montar em minha cabeça as imagens dos lugares. Jussara, que tem um pequeno salão de beleza em sua casa, descreveu para mim que o salão fica na varanda, na parte da frente da casa, fechada, com uma porta de entrada para o espaço e uma porta de entrada para a casa. Logo ao lado desta porta tem um lavatório, com algumas estantes na parede e um espelho. Do outro lado, uma cadeira de cabeleireiro, uma mesa e um carrinho auxiliar com secadores, tesouras, navalha.

A cada aspecto que me passava, era possível entender como a casa e o salão se montavam, conectam e organizavam, como cada espaço era preenchido e tinha sua função: a cozinha ligada à sala, dois quartos, com os dois filhos dormindo juntos em um deles, a rua, relativamente tranquila e pouco movimentada, mas perto de um centro comercial. E por aí as descrições iam tomando forma e me possibilitando desenhar mentalmente suas estruturas e organizações.

Além das descrições, os/as interlocutores/as também nos mandaram fotos de seus negócios. O envio das fotos torna essa questão do enxergar a partir do outro ainda mais interessante. Eles mandam fotos de espaços, de utensílios, de serviços prestados, os quais entendem como mais importantes para que consigamos perceber como tudo é organizado. E principalmente, mandam fotos daquilo que avaliam ser mais pertinente para passar a informação: enviar uma foto de uma cadeira lavatória se mostra como imprescindível para que o/a pesquisador/a perceba que aquele espaço é um salão, diferentemente de mandar uma foto de um quadro, que pode ser considerado um item irrelevante, que não agregaria na mensagem que desejam passar.

Outro ponto a partir disso está relacionado aos detalhes das fotos: duas de minhas interlocutoras são cabeleireiras e possuem seus próprios salões; e em ambos os casos, as fotos demonstravam um espaço limpo, bem arrumado. Ao mandarem as fotos, faziam questão de reafirmar a simplicidade do lugar: “é bem pequenininho”, “é tudo muito simples”, “isso aqui eu comprei usado”. Mas sempre destacando, também, o quanto são cuidadosas com seus espaços de trabalho, o quanto são atenciosas com suas clientes e a importância que seus pequenos negócios possuem para a manutenção de suas casas e de suas famílias.

Este é o principal ponto que une a minha abordagem ao falar de pesquisa em campo físico e em campo remoto: o que se pode ver a partir de si mesmo e o que se consegue “ver” a partir do que é contado. Receber as fotos e olhar para elas traz uma variedade de sentidos: o que é mostrado por uma poderia não ser tão relevante para outra; uma foto de

um penteado que me é enviada poderia não ter sido visto por mim em campo; ao passo que dentro do estabelecimento eu vejo como cada canto é organizado e possui itens, utensílios e móveis estrategicamente ordenados. No remoto, me limito a ver aquilo que é considerado importante e que simboliza o que aquele espaço representa.

A cada entrevista, algumas mesmas perguntas são refeitas: alguém da casa ficou doente? Alguém se mudou nesse meio tempo? Você pegou algum tipo de empréstimo? Você emprestou dinheiro para alguém? Como você acha que está sendo esse período para os negócios na Maré? E nos próximos meses? Como você acha que vai ficar? Tais perguntas são importantes para entendermos as temporalidades da pandemia e o que pode ter mudado ou permanecido igual de uma entrevista a outra – levando em conta que as entrevistas eram feitas a cada dois meses.

Repetir as perguntas também demonstra, para a interlocutora, uma preocupação sobre a sua vida. É importante ficar atento a algum acontecimento marcante que lhe foi contado na entrevista anterior, como algum familiar que tenha ficado doente ou tenha perdido o emprego, e perguntar sobre este ponto na entrevista seguinte. Nas entrevistas que realizo, sempre destaco que “a gente sempre faz essa pergunta, mas é mesmo para conseguir entender melhor o que vem acontecendo”, demonstrando que o que nos é dito, é lembrado e se torna mesmo uma preocupação para mim.

Como dito, um dos principais desafios nesta pesquisa é manter os/as interlocutores/as interessados/as em passar um tempo do seu dia conversando conosco – principalmente se levarmos em conta a correria do dia a dia e a dificuldade de tirar um tempo considerável, como horas do seu dia, para ficar no telefone. A maior parte dos/as entrevistadores/as acabou perdendo alguns interlocutores ao longo dos meses, por dificuldades em marcar uma data, desinteresse em manter o contato, falta de tempo e mesmo acontecimentos marcantes que impactaram a vida dos sujeitos, como a morte de algum parente ou as dificuldades financeiras. Por outro lado, para quem permanece, a relação vai, a cada ligação, se estreitando.

Foi na quarta rodada de entrevista que Jussara se sentiu, de fato, mais à vontade: me contou detalhes sobre sua saúde, contando de um problema de saúde que vem enfrentando, começou a me confidenciar mudanças na sua relação com seus irmãos após a morte de sua mãe e a entrar em maiores detalhes sobre sua vida de forma geral.

Para mim, estar atenta ao que me é relatado, compartilhar pequenas histórias e acontecimentos da minha vida, até mesmo mencionar que moro na

mesma região em que fica a comunidade, mesmo que seja fora dela, tornou possível estabelecer uma relação mais íntima. Era importante também mencionar e sempre deixar claro que tudo que seria dito para mim naquela conversa ficaria apenas entre nós, passando essa segurança de que aquele espaço era apenas nosso.

Na quarta entrevista que fiz com Jussara, esta que acabou nos aproximando mais, ao me relatar um problema de saúde que está enfrentando, dei alguns conselhos do que ela poderia fazer e que ela poderia, inclusive, recorrer a algumas ações feitas pela Redes da Maré. Jussara ficou imensamente grata e contente com a conversa, dizendo o quanto gosta da troca que fazemos durante nossas ligações. O tempo de conversa por telefone, ao que parece, se torna um momento de desabafo e tranquilidade; como um espaço seguro para que ela fale sobre seus problemas pessoais, sobre suas ansiedades e preocupações.

É interessante também ressaltar a diferença que se constrói numa conversa feita presencialmente no estabelecimento da pessoa e uma conversa feita por telefone. Presencialmente há a corriqueira correria do dia a dia: pessoas entrando e saindo do Studio, conversas paralelas, telefone que toca, assuntos que acabam se perdendo. Enquanto que por telefone é um momento, alguns minutos ou horas do dia da pessoa, que ela está quase que totalmente dedicada a conversar com você. Como marcamos o melhor dia e horário antes, através de mensagens de texto pelo *WhatsApp*, a interlocutora e a pesquisadora se organizam para passar algum tempo do seu dia naquela ligação. Isto não quer dizer, contudo, que não haja interferências, como falas ao fundo, crianças pedindo atenção, pausas para atender aos chamados das crianças, conversas paralelas, mesmo que breves, que se formam com terceiros, clientes que chegam nos estabelecimentos. Mas é interessante que tudo isso também me é relatado, com justificativas para interromper a conversa ou mesmo com pedidos de desculpas pelas intervenções - “espera um minutinho”, “deixa eu ver o que ele quer”, “desculpa, pode falar” são frases constantes na interlocução à distância.

Dar ênfase a esses pontos não significa, contudo, que seja mais ou menos proveitoso fazer pesquisa remota ou presencial. Ambas trazem desafios e experiências várias para se fazer pesquisa. Estar presente no campo nos permite ver as ações dos sujeitos, suas maneiras de andar e gesticular, o que costumam fazer enquanto falam conosco, as pessoas que entram e saem dos espaços, as interações que fazem com os outros e a presenciar acontecimentos marcantes. Mas a pesquisa remota permite que o/a pesquisador/a entenda o que é pertinente para o/a

interlocutor/a, aquilo que acreditam ser primordial para ser contado e mostrado. Neste caso, o entendimento da realidade social depende do que o próprio interlocutor deseja contar e passar; os possibilitando, inclusive, pensar quais descrições desejam ocultar em seus relatos. O que também de fato acontece na pesquisa em campo: as respostas que vão sendo dadas às perguntas feitas pelos/as pesquisadores/as, ou as histórias que nos vão sendo contadas, tudo isso parte da narrativa do próprio sujeito, de como ele entende a história, de como se desdobram os acontecimentos, a rotina e as experiências que têm a partir daquilo que querem nos passar e que querem que saibamos.

Ambas as pesquisas trazem experiências próximas e diferentes, formas de olhar o sujeito com que nos relacionamos, de entender a mensagem que nos passam, de estabelecer um tipo de relação. Em ambos é preciso estar atento ao que nos é dito, à maneira com que nos é contada uma história, ao tom de voz com que se fala de um fato ou de um sujeito, às interferências externas, à ênfase dada a algum assunto ou a alguma pessoa, uma expressão nativa corriqueiramente usada, enfim. Para além disso, estas duas experiências nos mostram que, ao fazer pesquisa, há uma seleção de coisas a serem percebidas em função dos interesses do/a pesquisador/a, dos desdobramentos das conversas e observações e do que o/a próprio/a interlocutor/a seleciona como principal.

Talvez, podemos pensar, que o trabalho antropológico dará mais ênfase a uma série de acontecimentos, de relatos e observações, mas nunca será feito com um controle total e completo das situações etnográficas. Ao passo que o campo presencial nos permite ver com nossos próprios olhos e observar aquilo que de alguma forma selecionamos, no campo remoto as observações são feitas a partir do outro, e aquilo que é selecionado como mais importante de ser dito e destacado, é feito pela própria interlocutora. Por isso, voltamos à ideia de alegoria, de cultura entre aspas para enfatizar que não apreendemos um todo; mas, isso sim, uma perspectiva construída em cooperação com o “nativo” que é voltada também aos nossos pares na academia.

Considerações finais

Trouxemos, para este breve relato de experiência, três metodologias diferentes: a pesquisa com documento, a pesquisa empírica em campo e a pesquisa empírica de forma remota com o objetivo de descrever para o leitor como se dá o fazer etnográfico, tendo em vista as mudanças que nos são colocadas e como a experiência pessoal do pesquisador também faz parte da construção da pesquisa.

Levantamos, a partir do que estamos experi-

enciemos em nossas pesquisas, que o método remoto, assim como a observação em campo, vai sendo construída conforme a pesquisa for avançando (MILLER, 2020). Por mais que pareça que se pode perder detalhes ao não ir fisicamente ao campo, outros sinais vão chamando nossas atenções. Ao passo que no campo você conversa com o historiador responsável pelos documentos, enxerga a organização dos espaços ou vivencia presencialmente acontecimentos, construir uma pesquisa à distância nos possibilita interpretar os fenômenos de outras formas: enxergar as dinâmicas cotidianas a partir do olhar do/a interlocutor/a; perceber o que, para o outro, se destaca como mais ou menos importante a ser mencionado; construir uma relação própria com os documentos, visto que a ausência do historiador na diocese pode forçar o pesquisador a aprender sozinho os significados das palavras e expressões contidas nos documentos; desenvolver estratégias a partir dos usos de aplicativos e redes sociais para se manter próximo e “conectado” ao/a interlocutor/a. Adaptar nossas pesquisas para o contexto social pandêmico não foi apenas uma maneira de prosseguir com nossas pesquisas; foi, principalmente, uma descoberta de uma outra forma de se fazer pesquisa.

Faria (2020) enfatiza que “a experiência etnográfica é marcada exatamente por esse sentimento de se estar à deriva” (FARIA, 2020, s.n.) e que é a partir desta própria experiência que se cria o método etnográfico e que é a partir do próprio campo que as questões vão sendo pensadas, formuladas e reformuladas. Pontuamos, então, que o fazer etnográfico é aprendido a partir da própria pesquisa de campo. Seja através da interação com outra pessoa ou com um documento, o campo vai se mostrando para nós como um espaço de inúmeras possibilidades e desafios. A partir do contato com o documento, o pesquisador percebe quais são pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa, quais as principais informações que neles constam e quais, inclusive, passam uma mensagem que talvez ainda não se tenha pensado ser pertinente. De forma semelhante, é a partir do contato com seu/sua interlocutor/a, observando e conhecendo suas rotinas, suas relações, suas dinâmicas diárias que se descobre quais pontos se deve perseguir e enfatizar na pesquisa – sendo essa seleção o anúncio de uma impossibilidade do/a pesquisador/a de ter um controle completo dos acontecimentos etnográficos. Portanto, a pesquisa etnográfica é uma alegoria, uma construção retórica que pode operar em inúmeros ambientes diferentes.

Por fim, como objetivo principal deste breve relato, pudemos mostrar como a percepção do pesquisador é também parte constitutiva de uma pesquisa. Todas as informações que recebemos, os sinais

que interpretamos, os sentidos das palavras, das falas, dos espaços físicos ou das descrições feitas por outra pessoa, nos afetam pessoalmente e nos fazem assumir posturas várias frente ao nosso campo, ao nosso objeto e à metodologia que aplicamos. Também por conta da experiência, nenhuma pesquisa será feita da mesma maneira por outra pessoa ou em outro momento - exatamente porque a etnografia representa uma incursão própria de cada pesquisador/a em campo.

Referências

- ARAÚJO, Marcella Carvalho de. *Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro*. 2017. Tese de doutorado em sociologia, IESP-UERJ. 293p. 2017.
- BECKER, Howard. *Segredos e truques de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. “Pontos de Referência”. In: *Coisas Ditas*, São Paulo, Brasiliense, pp. 49-76, 2004.
- CAVALCANTI, Mariana. *Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: Notas etnográficas de uma favela carioca*. *Dilemas*, 2008.
- CEFAI, Daniel. ¿Qué es la etnografía? Debates contemporâneos. Primera parte. Arraigamientos, operaciones y experiencias del trabajo de campo. *PERSO-NA Y SOCIEDAD / Universidad Alberto Hurtado*, vol. XXVII, n. 1, 2013.
- CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. In CLIFFORD, James and MARCUS, George (orgs). *A Escrita da Cultura: Poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: Ed UERJ/Papéis Selvagens Edições, p. 151-18, 2016.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, 10 (2), 2004.
- CHARTIER, Roger. *The order of books: readers, authors and libraries in europe between the fourteenth and eighteenth centuries*. California: Stanford University Press, 1994.
- CHARTIER, Roger. 2002. *A história cultural: entre práticas e representações*. Alges: Difel.
- EVANS-PRITCHARD, Edward. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- FARIA, Louise Scoz Pasteur de. Etnografia na pandemia: algumas experiências de trabalho de campo. *Notícia IFCH-UFRGS*, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ifch/index.php/br/etnografia-na-pandemia-algumas-experiencias-de-trabalho-de-campo-1> acesso em out. de 2021.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. A categoria como intervalo – a diferença entre essência e desconstrução. *Cadernos Pagu* (51), Dossiê gênero e Estado: formas de gestão, práticas e representações, 2017.
- FONESA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, 10, 58–78, 1999.
- FONSECA, Cláudia. *Família, fofoca e honra*. Rio Grande do Sul: Editora UFRGS. 1. ed. 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: Feldman-Bianco, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas – Métodos*. São Paulo: Global Universitária, p. 2-18, 1987.
- GOFFMAN, Erving. 2002. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 10 ed.
- GONÇALVES, Marcos. *As tentações integristas: um estudo sobre imprensa católica, política e catolicismo no Brasil (1908-1937)*. Curitiba: Crv, 2012.
- HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage, 2000.
- HINE, Christine. *Ethnography for the Internet. Embedded, embodied and everyday*. London/New York: Bloomsbury, 2015.
- KADT, Emanuel de. *Católicos Radicais no Brasil*. Brasília: Mec/unesco, 2007.
- KOSELLECK, Reinhart. *A história dos conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. *Cadernos de Campo* (São Paulo, online), v. 29, n. 2, 2020.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. “Violência urbana”, segurança pública e favelas – o caso do Rio de Janeiro atual. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, 2010.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. A oposição entre o trabalho doméstico e o trabalho feminino remunerado. In: CAVALCANTI, Mariana; MOTTA, Eugênia; ARAUJO, Marcella. *O mundo popular: Trabalho e condições de vida*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.
- MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Os Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. In: *Os Pensadores*, 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. *Annual Review of Anthropology*, vol. 25, p. 95, 177, 1995.
- MARINS, Mani Tebet. *Bolsa Família: questões de gênero e moralidades*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ,

2017.

MATIOLLI, Thiago Oliveira Lima. *O que o Complexo do Alemão nos conta sobre a cidade: poder e conhecimento no Rio de Janeiro no início dos anos 1980*. Tese de doutorado em Sociologia, USP, São Paulo, 2016.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

MILLER, Daniel. Notas sobre a pandemia: Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. *Blog do Sociófilo*. Tradução e Apresentação: Camila Balsa Daniel Miller e Juliane Bazzo, 2020. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fblogdolabemus.com%2Fwp-content%2Fuploads%2F2020%2F05%2FMiller_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf&clen=296238&chunk=true acesso em out. de 2020.

MILLER, Daniel. “Digital Anthropology”. *Serious Science*, 24 de Agosto de 2017. <http://serious-science.org/digital-anthropology-8688>

MILLER, Daniel; SLATER, Don. (2004). Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, v. 10, n. 21, 2004.

MOTTA, Eugênia. Houses and economy in the favela. *Vibrant*, v.11 n.1, 2014.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, 20: 377--391, 2014. <https://doi.org/10.1590/s0104--71832014000200015>.

PIEROBON, Camila; LACERDA, Paula; RUI, Taniele. Efeitos da pandemia na vida de famílias de baixa renda: apontamentos preliminares. *SBS Mídia*, 2021. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/blog/2021/07/07/efeitos-da-pandemia-na-vida-de-familias-de-baixa-renda-apontamentos-preliminares/#more-366> acesso em ago. de 2021.

PRATT, Mary Loise. Trabalho de campo em lugares comuns. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George (org.). *A escrita da cultura: poética e política etnográfica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2016, p. 63-90.

ROCHA, Gilmar. “Culturas e personalidades”: as experiências etnográficas de Ruth Benedict e Margareth Mead nos anos 20-40. *Cadernos de estudos sociais*, vol. 20, n. 1, 2004.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEGATA, Jean. Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. *Boletim n. 2 ANPOCS*, Cientistas sociais e o coronavírus, 2020.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (orgs.). *Políticas etnográficas no campo da cibercultura*. Brasília, ABA Publicações; Joinville, Editora Letradágua, 2016.

SIMMEL, Gorge. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

STOLER, Ann Laura. *Along the Archival Grain*. New Jersey: Princeton University Press, 2009.

ZELIZER, Viviana. A economia do care. *Civitas*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 376-391, 2010.